

A imprensa operária e as teses da Conferencia Nacional

Assim como os delegados à Conferencia Operária Nacional, mal leram ou não leram, não estudaram, não discutiram as teses que a comissão organizadora formulou, assim também a imprensa operária fez o mesmo, limitando-se a reproduzir servilmente as afirmações gratuitas sem a menor demonstração, sem análise, nem raciocínio.

Como aqueles que não concordando com as teses, apenas fizeram nas sessões das conferencias meras afirmativas e empregaram sómente palavras que por si nada dizem, assim também seguiram na mesma peugada os jornais operarios.

E como o emprego dogmatico dum adjectivo *não é a demonstração* duma idéa ou duma doutrina, a pretendida condenação das teses ou dalguma das teses, feita assim, não convenceu nem venceu os que concordavam com elas.

Não é, pois, para admirar que os relatores e os que concordavam com elas não as defendessem... Defender de quê? De quem? De simples adjectivos? O que houve foram simples afirmativas gratuitas que traduziam, afinal, caprichos, preconceitos, *parti-pris* e nada mais. E caprichos, preconceitos, *parti-pris* não se discutem. As discussões fazem-se com raciocínios, lialmente expostos, honestamente deduzidos no e pelo amor da verdade.

*

De todas as teses a que sofreu maior adjectivação condenatoria foi a intitulada «*Sobre a attitude da organização operária perante as condições da paz.*» Os adjectivos ou locuções adjectivas foram, porem, de grande pobreza porquanto a *questão prévia*, (?!) que a condenou, apenas empregou os seguintes adjectivos: *democratica, ingenua, não operária e transigente com a organização politica internacional*; — adjectivos estes que foram igualmente empregados, como um eco, sem qualquer outra referencia... original, pelos periodicos operarios.

Vejam os.

A *Aurora* pela voz de M. J. S. declara: — «A forma complicada como o assunto estava posto não era de molde a sêr compreendido pela grande massa operária e até pela maior parte dos delegados que foram à conferência». E confessa que «o assunto da tese quasi nem se abordou».

Será por isso que a tese era democratica, ingenua, etc.?...

A *Voç do Povo* diz: — «Como programa duma escola filosófica achamos bem, como materia de discussão dum congresso é uma tese completamente vasia». Oferece-se um premio ao decifrador da charada. E acrescenta: «Não consta da tese uma solução concreta, uma idéa prática de applicação immediata, nem um simples protesto contra a guerra, nem uma affirmação de apoio ao operariado dos grandes países no sentido de obstar à continuação da hecatombe». E' que talvez o autor da tese não quizesse entrar pelo campo da metafisica social, da demagogia que tanto agradam aos palavrosos e que para nada servem.

O *Ferro-Viario* reproduz as idéas que veem na tese, quando por outras palavras afirma: — «E' tão complexo e tão difuso o problema do depois da guerra que a sua resolução, pode afirmar-se, quasi que implica a propria solução do problema social». Nota, porém, que «a tese esquece bastante a Escola para a mocidade». «Num programa de organização e de defesa operária é indispensavel que a Escola seja esquecida: a escola livre, a escola officina que será a base da evolução»... Sim, senhor, tem razão... ou antes *teria razão* se lá não viesse a conclusão L) que diz: «Exigir a industrialização da Educação, modificando-se os programas no sentido de criar uma consciencia trabalhadora tecnica que saiba aproveitar e industrializar a riqueza regional onde vive. Encerramento ou transformação das escolas de mera cultura intelectual».

A *Luta Social* de 1 de Maio sob o titulo «Politica scientifica» diz ácerca da referida tese o seguinte: «Tudo isto nos parece excelente doutrina, doutrina muito propria a criar consciencias e individualidades. Temos affirmado que, para fazermos uma obra util, devemos pôr de parte os palavrões e os lirismos revo-

lucionarios não podendo ignorar o condicionalismo do meio. Porque esperamos o advento de uma sociedade mais equitativa, é anti-científico encerrarmo-nos na cómoda *Torre dos principios*, nada fazendo no sentido do mór progresso social». «Este assunto é muito melindroso, e, dada a ignorancia da materia social que caracteriza o movimento operario portuguez, só é para louvar o individuo que tão arrojadamente poz a questão». Porém logo no numero seguinte, ácerca da mesmíssima tese, afirma: «por um capricho que só se explicaria na possível sugestão de estranhos». «A tese era, como acertadamente disse *A Voz do Povo* mais uma exposição de doutrinas, nem todas aproveitáveis ao que um programa de acção. Foi rudemente atacada pelo camarada M. J. S. rude e brilhantemente segundo nos informaram o que registamos com verdadeiro prazer». E' bico ou cabeça?

O Combate, pela pena de J. Fernandes Alves, depois de salientar a divergencia entre os membros da comissão organizadora ácerca da referida tese, ataca-na na parte que se refere á conclusão 4.^a que respeita à *acção directa*, e que julga ter sido «metida a martelo como meio de satisfazer as aspirações anarquistas» e sobre esta parte conclui: «E se fossemos a ouvir a opinião que os elementos acratas teem sobre *acção directa*, nós veríamos que cada um lhe daria uma definição diferente, de forma que nós proprios socialistas poderíamos sêr amanhã partidarios da *acção directa*, se não considerassemos como *acção directa* os meios extremos.» Tem razão: mas nem só muitos acratas ignoram o que é *acção directa*: tambem muitos socialistas a desconhecem... Depois de enumerar algumas conclusões e de declarar que a tese tem conclusões que lhe agradam e que é um trabalho doutrinario» o articulista termina com a promessa de voltar ao assunto, «longe do facciosismo que enoja.» E' o que desejamos.

Finalmente *O Trabalho e União* de Funchal; depois de considerar importante a tese, diz: «O movimento excepcional, gravissimo, que atravessa a politica internacional fez que o operariado tenha de ocupar-se de ora avante de problemas a que até então não ligava importancia por supor que nada influíam no defer-

mento das suas reivindicações. Que não era assim já nós o tínhamos afirmado no congresso operário de Tomar e a nossa atitudè foi recebida com epitetos injuriosos e desconfiança»: Réclame a si proprio.

*

E *assim*, nestes termos, tem sido tratado um assunto que deveria ser ponderado, convenientemente estudado e discutido conscientemente.

Aqueles que não cencordarem com as teses ou tese cumpria-lhes o dever de formular, de apresentar, de desenvolver e *demonstrar* teses contrarias que convenessem os que por ventura estavam em erro ao formularem as teses condenadas.

Mas nada! nada! Só adjectivos... E' que a critica é facil e a arte difficil.

A. L.

